

# Aconselhamento em HIV/AIDS: um conceito a partir dos profissionais

Karla Corrêa Lima Miranda  
Kelyne Sales Vasconcelos  
Maria Grasiela Teixeira Barroso

## Resumo

Este estudo, de natureza exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa, tem como objetivo identificar o conceito de aconselhamento por profissionais de saúde em um serviço ambulatorial em HIV/AIDS. Foram entrevistadas nove profissionais de saúde que realizam o aconselhamento, entre elas enfermeiras, assistentes sociais e psicólogas, no período de abril a maio de 2002. Foram utilizados observação direta, roteiro de entrevista e diário de campo. Foi evidenciado pelo estudo que a forma de fazer o aconselhamento em HIV/AIDS é pessoal, muitas vezes dependendo de como o profissional percebe essa atividade, tendo suas feições. O grupo estudado conseguiu formular um conceito, porém este ainda muito aproximado do preconizado pelo Ministério da Saúde, não sendo visualizado como um momento educativo de uma forma mais ampla. Sugerimos ao grupo uma reflexão da atividade de aconselhamento e a construção coletiva a partir de dinâmicas grupais para melhor definições metodológicas do aconselhamento neste serviço.

*Palavras-chave:* Educação. Aconselhamento. HIV/AIDS.

## Introdução

A contaminação pelo HIV/AIDS passa pelas dimensões biológica, psicológica, social, moral e cultural, considerando a maneira como cada um experiencia e interpreta seus problemas, inquietando a intimidade do ser humano, produzindo metáforas, muitas vezes cruentas, associadas a práticas sexuais excessivas e pervertidas, ensejando julgamentos morais, levando a perseguições e discriminações. Esse processo é individual, retrata experiências subjetivas e intersubjetivas. A experiência individual ou coletiva pode ser reconhecida como uma forma de política cultural, que é, também, histórica e sexual (SONTAG, 1989; McLAREN e SILVA, 1998).

Diante dos primeiros casos de HIV/AIDS no Brasil, o Ministério da Saúde sentiu a necessidade

de sensibilizar profissionais de saúde para trabalhar com situações apresentadas pela infecção ou pela doença. O aconselhamento foi a estratégia encontrada nos serviços em DST/AIDS para profissionais de saúde atenderem a demanda que procurava orientação e apoio frente à realização da sorologia anti-HIV. Ainda com a epidemia em ascensão, houve a necessidade de ampliar a demanda de profissionais de saúde em unidades ambulatoriais e laboratórios de instituições públicas e hospitalares para atender pacientes com HIV/AIDS na prática do aconselhamento (BRASIL, 1999).

A prática do aconselhamento favorece o reconhecimento das subjetividades do cliente, das representações acerca da sua saúde, podendo este refletir, avaliar e decidir sobre medidas de preven-

ção exequíveis e melhor qualidade de vida, independentemente de sua condição sorológica. O aconselhamento é uma atividade desenvolvida por um profissional de saúde, devidamente treinado, e destina-se a quem deseja ou tem indicação de realizar a sorologia anti-HIV, tendo como finalidade prestar apoio emocional ao cliente, identificar riscos e a vulnerabilidade ao HIV e apoio educativo. O Ministério da Saúde define aconselhamento como *o processo de escuta ativa, individualizado e centrado no cliente. Pressupõe a capacidade de estabelecer uma relação de confiança entre os interlocutores, visando o resgate dos recursos internos do cliente para que ele mesmo tenha possibilidade de reconhecer-se como sujeito de sua própria saúde e transformação* (BRASIL, 1999).

Como parte integrante da equipe de profissionais que realiza o aconselhamento, percebemos que o profissional se depara com situações existenciais dos clientes, seu sofrimento, medos, vulnerabilidade, relações de poder e gênero, questões econômicas, culturais e sociais, que muitas vezes deixam o profissional em estado de impotência. Porém, questões relativas à cognição do HIV/AIDS parecem ser mais fáceis de serem trabalhadas e requerem menos tempo do profissional no aconselhamento.

Acreditamos no aconselhamento como uma relação de troca, um encontro humano, situado numa prática metodológica que vai dar suporte ao reconhecimento das subjetividades e intersubjetividades entre cliente e profissional de saúde, negando a fragmentação do sujeito, recuperando sua totalidade, acolhendo e sentindo através de uma relação na qual a escuta acontece de forma individual.

Queremos vislumbrar possibilidades de realizar o aconselhamento em HIV/AIDS dentro dessa visão mais ampla, enxergando e apostando nessa pessoa totalizada, biológica, social,

cultural, histórica, psicológica, espiritual, não a fragmentando, não a reduzindo a um ser ignorante que só necessita de informação.

Achamos de fundamental importância neste estudo identificar o conceito do aconselhamento em HIV/AIDS para os profissionais de saúde que o realizam. Será que o aconselhamento que estamos realizando está centrado na pessoa ou na doença? Que feições tem o aconselhamento realizado pelos profissionais? Será que apenas estamos repassando informações ou receitas preestabelecidas?

Este estudo se justifica pelo fato de o aconselhamento ser um momento dialogado em que o profissional poderá fazer um trabalho de educação em saúde, percebendo questões existenciais, discutindo também pontos informativos, preventivos e de qualidade de vida da pessoa que busca apoio ao realizar o exame. Tem como objetivo identificar o conceito de aconselhamento formulado por um grupo de profissionais de saúde de um serviço ambulatorial especializado em HIV/AIDS.

Acreditamos que, a partir deste primeiro momento, estaremos contribuindo de forma significativa para a construção coletiva do conceito de aconselhamento, estudo este que pensamos realizar em uma etapa posterior. Uma das autoras do presente texto está trabalhando no projeto de tese com a intenção de ampliar esta pesquisa. Entendemos que o resultado deste estudo ocasionará a percepção da identidade do grupo aconselhador e, conseqüentemente, um atendimento de melhor qualidade para o cliente usuário deste serviço.

## Metodologia

O estudo tem caráter exploratório-descritivo e insere-se nos pressupostos do método qualitativo de investigação. O fenômeno foi estudado a partir dos profissionais de saúde - enfermeiras, assistentes sociais e psicólogas - que realizam

aconselhamento em um Serviço Ambulatorial Especializado em HIV/AIDS, perfazendo o total de nove profissionais deste serviço, no período de abril a maio de 2002.

Consideramos como critério para incluir na investigação as profissionais que tinham pelo menos um ano de prática em aconselhamento. A participação dos sujeitos do estudo se deu a partir de um contato prévio com o grupo, solicitando-lhe permissão para observar sua prática cotidiana em aconselhamento.

Após o período de observação, percebendo-se que havia estabelecido uma relação entre os sujeitos do estudo e as pesquisadoras, foi solicitada a participação das profissionais, garantindo-se o anonimato das informações, sendo também esclarecidos o objetivo e a finalidade do estudo. A todas as informantes entregamos um instrumento de consentimento livre e esclarecido, para a sua concordância formal. Foi também garantida a voluntariedade do estudo e a liberdade de se desligar a qualquer momento, conforme as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa em seres Humanos, contidas na Resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde (CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, 1996).

Nesta investigação, utilizamos observação direta, roteiro de entrevista com perguntas abertas e fechadas e diário de campo. Para Lüdke e André (1986, p.26), a observação direta “permite que o observador chegue mais perto da “perspectiva dos sujeitos...na medida em que o observador acompanha in loco as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que o cerca e às suas próprias ações”.

Submetemos os dados à análise de conteúdo, adaptada de Bardin (1977), e elegemos a análise categorial, privilegiando as palavras e frases que definiam o que era o aconselhamento para o

grupo estudado. A discussão dos resultados se baseou nas idéias de Paulo Freire.

## Discussão e análise dos resultados

Os sujeitos deste estudo foram quatro enfermeiras, duas assistentes sociais, três psicólogas, perfazendo o total de nove depoentes. O tempo de experiência em aconselhamento varia de dois a dez anos. Seis das nove entrevistadas ingressaram no serviço mediante concurso público. Das nove entrevistadas apenas duas não possuem pós-graduação. Seis têm certificado de pós-graduação “lato sensu” e uma tem diploma de doutora. Após a análise dos depoimentos, identificamos três categorias: Orientação, Apoio e Ética no aconselhamento.

### Orientação no aconselhamento

Todas as depoentes referiram que, no aconselhamento em HIV/AIDS, a informação tem um lugar de destaque. Na informação, estão contemplados o seu repasse, a investigação do nível de informação do cliente, a demonstração do preservativo e o cuidado para não distorcer a informação prestada, como podemos observar nas seguintes falas:

*“quando eu penso em aconselhamento eu vejo a importância de como a gente transmite uma informação de maneira correta(...) ser um reprodutor daquela informação”.*

*“pra mim é um momento... de repasse de informação”.*

*“O aconselhamento é basicamente orientar as pessoas que procuram pra fazer o teste”.*

*“é também falar de doenças”.*

*“saber o nível de informação daquela pessoa”.*

*“tem que ter a responsabilidade toda de como você vai abordar e vai passar essa informação com o cuidado pra não distorcer a informação”.*

*“tento demonstrar o uso do preservativo e ver se ele realmente entendeu”.*

A palavra mais destacada pelos profissionais que realizam o aconselhamento foi a orientação. Percebemos que a orientação expressada por eles está situada ao nível da cognição, como informar sobre a doença: sintomatologia, transmissão do vírus, tratamento, a demonstração de um dos dispositivos de prevenção, o preservativo, enfim, a informação centrada na doença.

Segundo as depoentes, para haver aconselhamento, para os profissionais, é necessário prestar informação ao cliente. Entendemos a importância do momento de orientar, de explicar, tirar dúvidas. Porém, esse momento, por si, não é suficiente para que haja reflexão e transformação, isto é, para o aconselhamento vir a ser um momento também educativo.

Freire nega a educação mimética, que apenas transmite conteúdos, repassa informações, que não aguça a curiosidade, a reflexão. Ele compreende a educação como um momento de correr riscos, de intervir no mundo para transformá-lo. Ele diz:

*“(...) na luta por uma educação que, enquanto ato de conhecimento, não apenas se centre no ensino dos conteúdos mas que desafie o educando a aventurar-se no exercício não só falar da mudança do mundo, mas de com ela realmente comprometer-se...e vê homens e mulheres como seres não apenas capazes de se adaptar ao mundo mas sobretudo de mudá-lo. Seres curiosos, atuantes, falantes, criadores”.*

## **Apoio no aconselhamento**

Na categoria apoio no aconselhamento, foram manifestados os fatores ligados ao apoio, escuta, a disponibilidade do aconselhador ante a demanda do aconselhado, como elementos importantes no aconselhamento, enfim, o aconselhamento como um momento de suporte. Os depoimentos assim se mostram:

## **“é um momento de interação entre o profissional e o cliente que envolve vários aspectos, principalmente a escuta.”**

*“é um momento de acolhimento e de suporte”,  
“tem que estabelecer empatia”.*

*“você dá um suporte emocional”.*

*“é necessário estar próximo do cliente e ter um diálogo aberto”.*

Para os depoentes, o aconselhamento também é o momento da escuta, de estar junto, do apoio, do acolhimento. Para os profissionais, esta ocasião é especial porque necessita da disponibilidade do aconselhador para aguçar sua escuta para o outro. É um doar-se, que necessita tempo, disponibilidade e sensibilidade. Foi evidenciado pelos profissionais o aconselhamento como apoio ao cliente, e que a escuta seria um dispositivo importante nesse momento.

Destacamos o fato de que, para os profissionais entrevistados, o apoio facultado aos clientes no momento de aconselhamento é significativo, vai desde ouvir, favorecer sua auto-estima e segurança, dialogar e interagir.

O exercício da escuta é muito importante para o profissional em aconselhamento, principalmente aquele que vem de uma escola bancária, onde só existe a vez do educador, só existindo o monólogo verticalizado. Este exercício talvez seja o primeiro passo para haver interação. O segundo pensamos que seria a empatia, culminando com o diálogo. O diálogo é aqui entendido como troca de saberes e vivências de pessoas, nenhuma mais importante do que a outra, ambas se respeitando e compartilhando crenças e saberes na tentativa de haver reflexão e transformação. Para Freire (2000), “O diálogo se comunica. O diálogo é o caminho indispensável em todos os sentidos na nossa existência”. Damke (1995, p. 78), sobre o pensamento de Freire, mostra que na teoria freireana o diálogo tem uma fun-

ção criadora e desafiadora, garantindo que o processo educativo libertador é uma situação intrínseca ao próprio conhecimento humano. Ele diz: “desencadear a atividade intelectual dos sujeitos e desafiá-los a penetrarem em níveis cada vez mais profundos e mais amplos do saber, a fim de encontrarem às respostas necessárias as questões que se colocam, é uma das principais funções do diálogo” (FREIRE, 2000).

## Ética no aconselhamento

Outra categoria presente no aconselhamento para o grupo entrevistado é a Ética, esta sendo entendida como respeito ao cliente no que se refere ao sigilo, privacidade e confidencialidade do teste realizado por ele. As falas ficam em torno de:

*“durante o aconselhamento garantir privacidade, sigilo e confidencialidade”*

*“é muito importante o respeito ao outro, lidar com a escolha do sigilo”.*

*“é fundamental evitar fazer juízo de valores”.*

A ética referida pelo grupo entrevistado parece mais centrada numa forma de cuidado com o cliente, na garantia do sigilo e a confidencialidade do teste. Não negamos a importância deste tipo de cuidado com o cliente, que é importante como um compromisso do profissional em lidar com questões tão singulares e complexas com relação ao exame e à doença.

Ética, para Paulo Freire, é algo concreto e seu início está na capacidade de se indignar com as injustiças, por isso a educação e a ética estão interligadas, pois educar é sempre um ato ético (STRECK et al., 1999).

Na atividade do aconselhamento, acredita-se haver uma tentativa de uma ética por parte de alguns profissionais, não só em relação aos direitos do paciente como no que se diz respeito ao entendimento da ação humana, seus valores, crenças, respeitando seus limites e cultura. Porém, às vezes, a nossa formação ancorada na educação

bancária sinaliza e tenta adaptar esse cliente, minimizando seu poder criativo e sua capacidade de fazer suas escolhas.

Para Freire, uma pedagogia libertadora precisa criar vivências solidárias, precisa instituir relações sociais e humanas, não só transmitir conteúdos. Ele ainda teoriza que:

*“Só é possível, inclusive, falar em ética se há escolha que advém da capacidade de comparar, se há responsabilidade assumida. É percebendo e vivendo a história como possibilidade que experimento plenamente a capacidade de comparar, de ajuizar, de escolher, de decidir, de romper. E é assim que mulheres e homens eticizam o mundo” (FREIRE, 1997 p. 89).*

Como ética é também agir e indignar-se com o que está posto, a forma como realizamos o aconselhamento, a postura do aconselhador, é também uma questão ética. Verificou-se neste estudo, tanto pelas entrevistas como na observação, que existe um certo incômodo por parte de alguns profissionais com relação à forma como o aconselhamento está sendo realizado. Algumas entrevistadas declararam de forma muito lúcida as fragilidades do aconselhamento no que diz respeito à estrutura física, tempo, grande demanda, falta de treinamento e uma avaliação sistemática no decurso do aconselhamento. Essa postura crítica de alguns depoentes é extremamente importante, pois, como diz Freire, dizer também “não” é necessário na educação. Freire fala de uma pedagogia da rebeldia, e instaurou sua marca e seu compromisso ético-político.

É importante pensar e refletir sobre que tipo de aconselhamentos estamos realizando e que compromisso estamos tendo com o nosso cliente, o que também é nosso compromisso ético. A quem estamos dizendo “não”, e a favor de quem estamos agindo, e que feições tem o aconselhamento que estamos realizando, que compromisso ético-político está norteando a nossa prática profissional.

## Considerações finais

O conceito de aconselhamento para o grupo estudado está centrado em três princípios básicos: Orientação, Apoio e Ética. Acreditamos que o material produzido em aconselhamento pelo Ministério da Saúde foi de grande importância como norteador em alguns dos seus momentos, entretanto ele não pode ser utilizado como uma cartilha ou receita preestabelecida. Acreditamos que sua confecção não contempla esta intenção. Entretanto, dos três princípios que o Ministério da Saúde recomenda para realização do aconselhamento, a equipe não consegue contemplar de forma satisfatória o controle de redução e riscos, pois necessita de um planejamento de estratégias e avaliação de busca de parceiros, fato este de que o serviço não dá conta, apesar de uma das entrevistadas referir a possibilidade da execução desta atividade.

Três das nove entrevistadas perceberam o aconselhamento como um momento educativo. O Ministério da Saúde refere o processo do aconselhamento com o componente educativo contemplado, entretanto, ele entende esse momento educativo como troca de informação, como podemos observar na definição do componente educativo formulado em publicação do Ministério: *trata das trocas de informações sobre DST e HIV/AIDS, suas formas de transmissão, prevenção e tratamento.*

Acreditamos que este conceito avança no sentido que entende a educação como uma troca de saberes, e não meramente como uma transferência ou repasse de informação de maneira vertical e autoritária.

Entretanto, Freire fala de uma educação dialógica que, por meio da auto-reflexão e consequentemente pela tomada de consciência, seja autora da sua história.

Identificamos o fato de que, para o grupo estudado, aconselhamento é um momento especial e importante de orientação, escuta e apoio ao cliente, sendo respeitados o sigilo, a privacidade e o anonimato do cliente: tal é o conceito de aconselhamento produzido pelo grupo estudado

Concordamos com uma das entrevistadas, ao dizer que o aconselhamento é “uma semente”. Essa semente com certeza pode crescer e tornar-se uma frondosa árvore cheia de frutos, pois as profissionais que compõem a equipe são competentes e com capacidade reflexiva, disponíveis para a realização de um trabalho cada vez melhor e mais reflexivo.

Percebemos pelos depoimentos e observação que o aconselhamento tem as feições do aconselhador, e verificamos que um grupo de profissionais se inquieta com a forma como o aconselhamento é realizado, buscando outras maneiras de realizá-lo, tentando um encontro mais educativo e transformador, porém, as dificuldades são diversas e vão desde problemas, às vezes estruturais, como falta de melhores condições de atendimento, um programa de capacitação em aconselhamento, o fato de não ser utilizada uma metodologia adequada, tempo reduzido de atendimento em razão da grande demanda.

O conceito produzido pelo grupo em estudo está expresso em que o aconselhamento é *um momento especial e importante de orientação, escuta e apoio ao cliente, sendo respeitado o sigilo, a privacidade e o anonimato do cliente.*

Contudo, podemos imaginar um aconselhamento que ultrapasse o que está posto e que seja também uma ocasião em que as pessoas se sintam felizes, que melhore a qualidade de vida e a estima dos clientes; que o aconselhamento signifique um espaço de troca de saberes, afeto e amor. Enfim, podemos pensar no aconselhamento como uma nova forma de cuidar e fazer Educação em Saúde.

Para que esse sonho aconteça, necessitamos superar a fragmentação do conceito em aconselhamento ora construído. Sugerimos que seja realizada uma construção coletiva, onde cada profissional poderá realizar esse sonho possível, a partir das dinâmicas grupais para melhor trabalharmos este conceito, como também formular com o grupo definições metodológicas do aconselhamento neste serviço.

Como Freire, acreditamos que, para o processo educativo acontecer, está implícita a mu-

dança. Ele mostra que o educador precisa atuar coerentemente na transformação do mundo, desenvolvendo um pensamento crítico da realidade e a intervenção crítica dessa realidade. Por isso é que defendemos a noção de um aconselhamento crítico pautado na idéias freireanas e mediatizado por uma metodologia construída coletivamente por todos os que o realizam. Com efeito, conseguiremos ter a identidade do grupo aconselhador. Sendo assim, teremos mais condições de transformar a nós mesmos, o cliente e o mundo. É isso educação em Paulo Freire.

## **HIV/AIDS counseling: a concept defined by the professionals**

### **Abstract**

This exploratory descriptive and qualitative study had the objective of identifying the concept of counseling held by professionals that provide health services in the area of HIV/AIDS. We interviewed nine professionals, including nurses, social workers, and psychologists. Direct observation, field interviews and diaries were used for the research. It was evidenced in study that the way to do counseling is personal, often depending on how the professional understands this activity. The studied group managed to formulate a counseling concept. However, this concept holds a large similarity to that of the Ministry of Health, and the group did not perceived it as an educational moment, on a broader form. We suggest to the professionals a large reflection of the counseling practice and the collective construction, derived from group dynamics, of better theoretical-methodological counseling definitions in this job.

*Keywords: Education. Counseling. HIV/AIDS.*

## **El aconsejar en VIH/SIDA: un concepto a partir de los profesionales**

### **Resumen**

Este estudio, de naturaleza exploratoria y descriptiva, con abordaje cualitativo tiene como objetivo identificar el concepto de aconsejar por profesionales de salud en un servicio dispensario en VIH / SIDA. Fueron entrevistadas nueve profesionales de salud que realizan el aconsejar, entre ellas enfermeras, asistentes sociales y psicólogas, en el período de abril a mayo de 2002. Fue utilizada observación directa, plan de entrevista y diario de campo. Fue evidenciado por el estudio que la manera de hacer la dación de consejos en VIH/SIDA es personal, muchas veces dependiendo de como el profesional percibe esa actividad, teniendo sus características. El grupo estudiado ha conseguido for-

mular un concepto, mas este aun muy próximo del preconizado por el Ministerio de la Salud, no siendo visualizado como un momento educativo de una manera más amplia. Se sugiere al grupo una reflexión de la actividad de aconsejar y la construcción colectiva a partir de dinámicas grupales para mejorar definiciones metodológicas de la dación de consejos en este servicio.

*Palavras chave: Educacion. Aconsejar. VIH/SIDA.*

## Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Coordenação Nacional da DST/AIDS. Aconselhamento em DST/HIV e AIDS: diretrizes e procedimentos básicos. Brasília, 1999.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa- Portugal: São Paulo: Edições 70, 1977.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Resolução n.196/96 de 10 de outubro de 1996. Dispõe sobre diretrizes e normas técnicas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: 1996.

DAMKE, IR. O processo do conhecimento na Pedagogia da libertação. As idéias de Freire, Fiori e Dussel. Petrópolis: Vozes, 1995.

GADOTTI, M. As muitas lições de Freire. In: MCLAREN, P; LEONARD, P; GADOTTI, M. PAULO FREIRE: poder, desejo e memórias da libertação. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra.1999

\_\_\_\_\_. Pedagogia do oprimido. 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000

\_\_\_\_\_. Pedagogia da autonomia. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A . A pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

McLAREN, P.; TADEU, S. T. Descentralizando a Pedagogia: alfabetização crítica, resistência e política da memória In: MCLAREN, P; LEONARD, P; GADOTTI, M. PAULO FREIRE- poder, desejo e memórias da libertação. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SONTAG, S. AIDS e suas metáforas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

STRECK, D.R.; REDIN, E.; MÄDCHE, F.C.; et al (Org.) Paulo Freire: ética, utopia e educação. Petrópolis: Vozes, 1999.

## Sobre os autores

**Karla Corrêa Lima Miranda**

Professora Assistente do Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual do Ceará, Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Ceará. kfor026@terra.com.br.

**Kelyne Sales Vasconcelos**

Aluna da graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Ceará. Voluntária de pesquisa.

**Maria Grasiela Teixeira Barroso**

Professora Emérita do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Ceará. rasiela@ufc.br.